



Jorge Amado e o romance proletário¹

Jorge Amado and the proletarian novel

Denise Adélia Vieira²

Teresinha V. Zimbrão da Silva³

Resumo: Este artigo pretende oferecer uma reflexão sobre literatura e política no Brasil dos anos 30, baseado no trabalho de Jorge Amado. Mostra a chegada do romance proletário e a discussão sobre a sua manifestação na literatura brasileira com a publicação de *Cacau*.

Palavras-chave: Jorge Amado; Romance Proletário; Literatura e Política.

Abstract: This article intends to offer a reflection on literature and politics in Brazil in the 1930s, based on the work of Jorge Amado. It shows the arrival of the proletarian novel and the discussion about its manifestation in Brazilian literature with the publication of *Cacau*.

Keywords: Jorge Amado; Proletarian Novel; Literature and Politics.

1. Um escritor do Partido

Desapareceu o homem sem partido. Hoje ele é tão raro como um animal pré-histórico. Desapareceu, por consequência, a literatura desinteressada. Os intelectuais que não estão de um lado estão de outro. Impossível existir o indiferente. Como impossível é existir o livro sem finalidade. Mesmo porque quem não está com o proletariado está necessariamente contra ele.
(Jorge Amado, 1946, p. 57)

Na década de 30, Jorge Amado mudou-se para o Rio e participou ativamente do debate intelectual que levaria os escritores de então ao fascismo, ao catolicismo ou - como foi o caso de Amado - ao comunismo. Conheceu Raquel de Queiroz e por influência desta chegou à militância política como afirma em entrevista a Raillard realizada em 1985: "Raquel chegou ao Rio, passamos o tempo todo juntos. Foi em grande parte sob sua influência que eu efetivamente me engajei no movimento comunista." (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 49). Dedicou-se então à leitura de livros como:

¹ Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado intitulada, *A Literatura, A Foice e o Martelo*, da autoria de Denise Adélia Vieira, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha V. Zimbrão da Silva, defendida em 2004 no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF.

³ Profa. Dra. da Graduação e Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado em Estudos Literários) da UFJF. E-mail: teresinha.zimbrao@ufjf.edu.br

[...] *A Bagaceira*, de Zé Américo, *Menino de Engenho*, de Zé Lins, *Judeus sem Dinheiro*, de Mike Gold, *Passageiros de Terceira*, de Kurt Klaber, *A torrente de Ferro*, de Serafimovitch, *A Derrota*, de Fadeev, *A Cavalaria Vermelha*, de Babel [...]. Lendo *A Bagaceira* virei escritor brasileiro, lendo os russos, o alemão e o judeu norte-americano desejei ser romancista proletário (AMADO, 1993, p. 183).

Jorge Amado também leu o russo Máximo Gorki. Em suas memórias *Navegação de Cabotagem* confessa: "o russo é autor de minha devoção, com ele aprendi a amar os vagabundos, devorei-lhe os contos, os romances, o teatro" (AMADO, 1993, p. 248-249).

O primeiro romance de Amado, *O país do carnaval*, foi publicado em 1931-antes de o escritor ingressar na política e se tornar um militante comunista; *Cacau*, seu segundo romance, escrito em fins de 32 e publicado em 33, já sofreu a influência do Partido. Amado tentou escrever um romance comprometido com a transformação da sociedade, numa perspectiva que atendia à política do Partido: o intelectual deveria produzir ficção com força de "documento", denunciando a existência de segmentos sofrendores da população.

Sobre essa força de "documento", declararia Amado em entrevista à imprensa em 1933: "*Cacau* é resultado da minha infância, passada na cidade de Ilhéus e seus povoados, e nas fazendas de cacau. Há muito que eu imaginava escrevê-lo. Tinha para isso uma grande documentação" (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 47). E concluiria: "Escrevi *Cacau* com evidentes intenções de propaganda partidária. Conservei-me, porém, rigorosamente honesto, citando apenas fatos que observei." (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 47). A escrita do romance teria tomado impulso quando, em uma viagem de 1932 para o município de Pirangi, no interior da Bahia, o escritor impressionou-se com a vida dos trabalhadores daquela região.

Suor, o terceiro livro do escritor, publicado em 1934, é um romance ambientado em Salvador e tematiza o "proletariado" urbano. Segundo Jorge Amado, *Suor* é também um documento, pois retrata "verdadeiramente" o que ele viveu em meados da década de 20 quando morou numa rua próxima ao Largo do Pelourinho:

Vivi em vários lugares. Durante algum tempo morei numa ruela vizinha ao Largo do Pelourinho, no coração da velha Bahia, um lugar admirável por sua arquitetura e terrível pelo que significa – o pelourinho era o lugar em que eram castigados

publicamente os escravos. A casa em que eu morava era uma construção colonial alta e sombria, onde se amontoava uma multidão de pessoas exóticas. Eu morava bem em cima, numa água-furtada. Hoje transformaram-na num hotel, juntando dois sobrados, e até colocaram uma placa indicando que é casa descrita em *Suor*. É exatamente o que eu mostro neste romance. *Suor* é verdadeiramente a minha vida no Pelourinho (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 33).

Após *Cacau* e *Suor*, Jorge Amado empreendeu a produção de um romance em que um herói, oriundo das massas, se rebela contra o processo histórico que o oprime. Em *Jubiabá* (1935), o negro Antônio Balduino, ao adquirir consciência de classe, incita a greve do trabalhador contra o patrão. O escritor revelou que para a produção do livro percorreu, durante um mês, a cidade de Salvador, documentando a realidade local:

[...] Cheguei de lá há 15 dias [...] eu nasci na Bahia e quase todos os anos volto à minha cidade. É admirável! As ruas, os pretos, os saveiros, as feiras [...], as ladeiras [...]. Acho que botei um pouco disso tudo no meu novo romance - *Jubiabá* - que acaba de aparecer. É a vida pobre dos negros da Bahia [...]. Ambientes negros de cais, de casario velho, de macumbas, saveiros, botequins e ainda todo o recôncavo com as suas cidades típicas, as plantações de fumo e as fábricas de charutos. O meu novo romance procura refletir a vida dos pretos da Bahia [...] que vivem em meio à miséria maior, sofrendo todos os preconceitos de raça, que ainda dominam o Brasil (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 77).

Notemos que, influenciado pelo obreirismo do partido – ou seja, a valorização do modo de vida proletário em detrimento do intelectualismo burguês - Amado sentiu a necessidade de sublinhar nos seus comentários o contato próximo com a realidade proletária que "documenta" em seus romances.

A vida política intensa de Jorge Amado o levaria a ser detido em 1936, por causa da Intentona Comunista do ano anterior. Mas os problemas para Amado começaram mais cedo: *Cacau* já havia experimentado em seu lançamento a mão pesada da censura. Liberado graças à intervenção de amigos, o romance vendeu, em 1933, 2000 exemplares em 40 dias. Estava aberto para o escritor o caminho da empatia popular, em paralelo à contínua vigilância do aparelho repressivo. Autor de uma ficção tida como subversiva, Amado foi então preso, perseguido e exilado. É na

cadeia que assiste a publicação de *Mar Morto* em 1936. Perdeu o emprego e passou várias privações por falta de dinheiro. Teve seus livros recolhidos das livrarias e sua venda proibida no Brasil. Essa sua prisão foi a primeira de várias outras, que viriam por conta do engajamento.

Em 1937, participou da campanha para eleger José Américo de Almeida a presidente da República. Contudo, ocorreu o golpe de Getúlio; e implantou-se a ditadura do Estado Novo. Novamente, o escritor foi detido. Na prisão, soube da queima pública de seus livros pelo exército, dentre os quais o recém-lançado *Capitães da areia*. Depois de proibidos de circular e de serem recolhidos de escolas, bibliotecas e livrarias, quase dois mil exemplares de livros viraram fogueira do fascismo tropical numa praça em Salvador.

Liberto, em 1938, passou a trabalhar nos mais diversos jornais de São Paulo e do Rio. Ocupou-se plenamente com a atividade política, combatendo a ditadura, denunciando o fascismo, defendendo a anistia dos que ainda estavam presos. Empenhou-se para reorganizar o Partido Comunista, um tanto esfacelado pela polícia de Vargas, partido que enfim deixaria em 1955.

2. A chegada do romance proletário ao Brasil

Alguns países ocidentais já haviam produzido romance proletário na década de 20, contudo, é na década de 30 que o gênero prolifera e chega ao Brasil. São então publicados livros de procedência em geral russa, alemã e americana. Sobre esse fato, Jorge Amado dá o seu testemunho, em entrevista de 1985:

A expressão "romance proletário" estava ligada a toda uma literatura que apenas se começava a conhecer no Brasil. Havia entre outros um romance alemão, *Passageiros de Terceira classe*, de um certo Kurt Klaber [...] Era um romance estranho, um romance proletário todo em diálogos, inteiramente em diálogos, que contava a viagem de barco de imigrantes alemães voltando dos Estados Unidos para a Alemanha, e o drama destes imigrantes. Este livro, prefaciado por Thomas Mann, devia datar dos anos 20 e poucos; eu o lera em 1930, numa tradução publicada pela Pax, uma editora de São Paulo que começava a publicar romances russos, da primeira fase da literatura soviética, *A Derrota*, de Fedáiev, *A Torrente de Ferro*, de Serafimovitch, *A Cavalaria Vermelha*, de Babel, uma literatura extremamente rica. Mais ou menos ao mesmo tempo,

a Cultura Brasileira, uma outra editora de esquerda, publicou *Judeus sem Dinheiro*, de Michel Gold, que teve enorme influência, um sucesso tremendo; [...] (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 55-56).

Sabe-se que a Pax também traduziu no período os seguintes romances proletários: *Beco sem saída* de V. Vieressaief e *A semana* de E. Lebedinski. Na verdade, o próprio Amado se tornaria, na década de 1930, um tradutor e divulgador, no Brasil, da literatura proletária. Literatura que, definitivamente, como ainda acrescenta, influenciou não só a ele, mas também toda a sua geração. O autor afirma:

Eu falei das influências estrangeiras exercidas sobre mim e minha geração - a literatura soviética, a literatura norte-americana e a de outros países; quando se falava do romance proletário, toda uma literatura de esquerda que vinha dos anos 20, Upton Sinclair, os socialistas nos Estados Unidos - tudo isto não é ?, pesa sobre o "romance de 30". [...] os romancistas soviéticos [...] os grandes romances documentários [...] os livros pró-soviéticos, os socialistas mais críticos - uma crítica que em seguida foi totalmente censurada e proibida. Aquilo nos influenciou muito a todos (AMADO apud RAILLARD 1990, p. 99).

Das influências, alguns escritores, como Amado, passaram a se empenhar, de fato, em produzir o romance proletário no Brasil. O escritor baiano foi um fecundo gestor de narrativas que colocavam o trabalhador explorado como ponto central da trama.

3. A classificação de romance proletário

Deve-se ressaltar que nem toda a produção literária que versava sobre o "proletariado" recebia a classificação de romance proletário.

(Wagner Berno Almeida, 1979, p.109)

Em obras classificatórias, como histórias de literatura brasileira e antologias, é rara a menção ao romance proletário. Mesmo romances classificados por seus autores como "proletário", segundo confirmaremos ser o caso de *Cacau*, recebem

denominações diversas, tais como romance social ou romance documentário. É uma grave lacuna, pois se está ignorando uma interessante polêmica que caracterizou a produção literária no Brasil da primeira metade da década de 30.

Quais, dentre os romances que estavam sendo publicados, poderiam ser classificados como proletários? Nem todos que versavam sobre o proletariado continham a postura política de esquerda identificada ao novo gênero, sobretudo porque tematizavam, em vez de luta de classes, a cooperação de classes.

Numa classificação ampla, o romance proletário incluiria produções de autores não filiados ao PC, mas simpáticos à causa proletária. Numa classificação restrita, pode-se considerar, como romance proletário, aquele cujo autor, filiado ao PC, manifestasse pontos de vista do seu Partido. Aí se inclui, então, o romance *Cacau* de Jorge Amado, que foi publicado no início da década de 30, ou seja, no auge da polêmica sobre o romance proletário.

4. A publicação de *Cacau* em 1933

Quando escrevi Cacau declarei que queria fazer um 'romance proletário'.

(Jorge Amado, 1934, p.101)

Amado, ao escrever *Cacau*⁴, evidencia sua intenção de filiá-lo ao gênero romance proletário ao declarar em nota introdutória: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?” (AMADO, 1934, p. 101).

Em 1985, na entrevista a Raillard, Jorge Amado reafirma a consciência da atitude que tomou ao elaborar o romance: “Será que vai ser um romance proletário? Tudo estava nisso. Todas as coisas que estão lá eram corretas para a época [...], eram, todas essas influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 74) Ainda, nessa entrevista, admite:

⁴ A partir daqui, faremos referência à obra *Cacau*, de Jorge Amado, publicada pela editora Martins, de São Paulo, 1934, utilizando a sigla CAC, sempre por esta edição, seguida da numeração.

Fazer um romance proletário era, evidentemente, pura pretensão da minha parte. A consciência proletária ainda estava em formação num país que apenas começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária; o que havia era o trabalhador manual - e, neste ponto, a descrição da vida dos trabalhadores rurais é o que torna *Cacau* muito real. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 55)

A seu favor, Amado confirma o realismo da obra, sua força de documento honesto, coerente com a época e com as influências que recebeu. *Cacau*, em sua honestidade, exalaria um bom ar de revolta para estar junto da literatura proletária.

O poeta Jorge de Lima, no texto "Nota sobre *Cacau*", da obra, *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*, faz ouvir sua voz em defesa do escritor baiano: "Fez romance chamado proletário, sim. Foi quem primeiro fez, e com honestidade...". (LIMA, 1961, p. 67)

Na entrevista de 1985, Amado afirma que *Cacau*, e também *Suor* (1934), representam o seu encontro com a literatura proletária:

Cacau e *Suor*, que se seguem de muito perto - 1933, 1934 -, significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda, e meu encontro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 56)

O prólogo de *Cacau* motivou discussões e polêmicas. Murilo Mendes, na obra já citada, *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*, escreve o texto "Cacau" (publicado inicialmente em *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, 1933):

Antes de mais nada precisávamos saber o que é que o autor entende como romance proletário. Acho que a mentalidade proletária está ainda em formação; agora é que o proletário está tomando consciência do seu papel histórico; portanto, sobretudo em países de desenvolvimento capitalista muito atrasado como o nosso, ainda não existe uma mentalidade proletária. Naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burguesa, terá que observar a vida dos proletários, e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito

proletário, do contrário fará simples reportagem. (MENDES, 1961, p. 71-72)

Amado tenta, com *Cacau*, integrar-se ao "espírito proletário", tal como este se manifesta, em sua incipiência, no Brasil, por isso, o romance possui qualidades que revelam o orgulho do escritor de ter vivenciado, efetivamente, no feudo cacauero da Bahia, o martírio dos trabalhadores, a fim de dar credibilidade a todas as situações de miséria e exploração sofridas pelos empregados das fazendas.

5. A questão do narrador

O romance começa, pois, a não ser mais romance para classe. É ainda de classe, porque os seus autores não podem se desprender da sua, burguesa. Mas porfiam em atenuar esta circunstância... A seleção dos temas e a intenção que animava a sua escolha falam bem claramente deste espírito. Uns escritores se colocavam do ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo. Outros procediam à análise impietosa da própria classe...

(Antonio Candido, 1961, p.170)

O autor do romance proletário pretende negar a sua classe social de origem e se apropriar da identidade e do discurso da classe proletária. Não é suficiente para ele falar do proletariado oprimido e explorado; assumindo o ponto de vista distanciado de um burguês, demonstrando somente compaixão e solidariedade diante do sofrimento do trabalhador. Inconcebível para este autor colocar-se do lado oposto, do lado da classe opressora. Isto, sim, é que seria uma grande traição, uma mentira muito maior do que a que resultaria de um discurso proletário vindo de sua própria voz.

Mas, literariamente, até onde esta apropriação de perspectiva seria viável? Não nos propomos, neste trabalho, a aprofundar a complexa discussão da viabilidade ou não desta apropriação. Pretendemos, sim, fazer uma reflexão sobre a solução encontrada por Amado para a questão do narrador em seu romance.

Em *Cacau*, Amado tenta solucionar o problema da apropriação da fala do proletário na escrita a partir da construção de um narrador em primeira pessoa, proletarizado quando rapaz pela falência e morte paterna. Sua condição anteriormente burguesa justificaria os traços de cultura na escrita do romance.

Mas a identificação, só àquela altura, com a classe trabalhadora não parece suficiente a Amado que acrescenta: o contato próximo com os trabalhadores veio de muito antes, desde quando o narrador brincava, na infância, com os filhos dos operários da fábrica do seu pai.

A construção desta identidade proletária passa pela afirmação da condição pouco literária do romance e do seu caráter de documento e testemunho da própria vida do narrador. Nas páginas finais, este revela:

Esse discurso me deu a idéia de reunir algumas cartas de trabalhadores e rameiras para publicar um dia. Depois já no Rio de Janeiro, relendo estas cartas, pensei em escrever um livro. Assim nasceu *Cacau*. Não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras. É verdade que hoje sou operário, tipógrafo, leio muito, aprendi alguma coisa. Mas, assim mesmo, o meu vocabulário continua reduzido [...] Demais não tive preocupação literária ao compor estas páginas. Procurei contar a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau (*CAC*, p. 163).

Amado constrói um narrador que fala em nome do trabalhador rural. Ele constrói uma identidade proletária para o seu pseudo-autor (o proletarizado Sergipano conta, em primeira pessoa, a própria estória), mas é Amado o nome que comparece na capa como autor de fato do romance.

Amado pretende dar voz aos ideais comunistas na literatura. Descreve a progressiva "conscientização de classe" de trabalhadores inicialmente desprovidos de espírito político - estória edificante a servir como exemplo para ser seguido por seus leitores. Tal como pregava a cartilha do Partido.

6. O romance *Cacau*

Em *Cacau*, um sergipano nos conta a estória da sua juventude, quando saiu de São Cristóvão, ex-capital do Sergipe, para o sul da Bahia, terra do cacau. Seu pai era dono de uma fábrica. Com a morte paterna, a família perdeu tudo e o rapaz foi trabalhar como operário na fábrica onde antes era dono.

Amado descreve, nesta primeira parte do romance, que se passa em Sergipe, a proletarização do jovem, retratando-o como simpático aos proletários, mesmo antes de se tornar de fato um. Ao ser despedido, resolveu migrar para a

Bahia, chegando à fazenda de cacau em Pirangi onde se desenrola a maior parte do romance.

No capítulo intitulado Cacau, Amado, pela voz do narrador, que passa a ser chamado de Sergipano, descreve a exploração do trabalho na fazenda. Os empregados das roças eram responsáveis por todos os processos pelos quais o cacau passava e, se algo errado acontecia, tinham de pagar pela "falha". Era considerado "crime" imperdoável para os coronéis deixar mofar os sacos de cacau. Um dos trabalhadores da fazenda foi acusado do crime e despedido, sem direito de indenização, e ainda obrigado a pagar o prejuízo para o coronel: deveria trabalhar nas roças até quitar o valor. O empregado resolveu fugir. Dois colegas, a mando do patrão, foram no encalço e o surraram. Amado nos mostra então a falta de consciência de classe entre estes empregados das roças.

Os questionamentos para saírem daquela situação começam aos poucos a fazer parte das conversas dos trabalhadores. Sergipano questiona:

- Isso continuará sempre assim, Colodino?
- Ele, de todos nós, parecia o único a ter uma certa intuição de que alguma coisa, um dia...
- É impossível. Tem que mudar.
- Como?
- É o que não sei... (CAC, p. 145).

Mas se alguns trabalhadores traíam a sua classe, tal não é o caso de Sergipano. Obrigado por Mária, filha do patrão, a entregar um trabalhador que a desacatou, Sergipano se recusou. Fiel à sua classe, não se deixou seduzir, nem mesmo quando ela narrou-lhe um romance cujo personagem, um roceiro, se casava com uma condessa. Sergipano encerra a conversa afirmando:

- Mas o roceiro é um traidor.
- A quem ele traiu?
- Embatuquei com a pergunta. Mária sorria Vitoriosa.
- Traiu os outros trabalhadores (CAC, p. 152).

A traição de classe é ainda tematizada, no romance, na "sedução" consentida da roceira Magnólia, noiva de Colodino, por Osório, filho do coronel. Colodino descobre a traição, espanca Osório e foge da fazenda.

O capítulo intitulado sugestivamente, *Consciência de Classe*, descreve o momento em que Honório, colega de trabalho de Colodino, é chamado pelo patrão para "dar cabo" do colega. Honório sai para cumprir sua tarefa, mas erra a pontaria de propósito. Sergipano pergunta:

Por que você não matou Colodino? Por que queria bem a ele?
-Eu gostava de Colodino... Mas eu não queimei o bruto porque ele era alugado como a gente. Matá coroné é bom, mas trabaiadô não mato. Não sou traidô... (CAC, p. 162).

O episódio dá margem à seguinte reflexão do narrador Sergipano: "Só muito tempo depois soube que o gesto de Honório não se chamava generosidade. Tinha um nome muito mais bonito: *Consciência de Classe*" (Ibid.).

Algum tempo depois, Sergipano recebe uma carta de seu amigo Colodino, já instalado no Rio de Janeiro:

Venha embora para cá, Sergipano. Aqui se aprende muito. Tem resposta para o que a gente perguntava ahi. Eu não sei explicar direito. Você já ouviu falar em luta de classe? Pois há luta de classe. As classes são os coronéis e os trabalhadores. Venha que fica sabendo tudo. E um dia a gente pode voltar e ensinar para os outros (CAC, p. 164).

Mas antes de seguir os conselhos de Colodino e ir para o Rio de Janeiro, Sergipano lidera uma greve fracassada dos trabalhadores da fazenda, que voltam ao trabalho no dia seguinte do início movimento, com redução de salário.

Sergipano sofrerá ainda mais uma provação no seu processo de conscientização de classe: Mária, por quem ele estava apaixonado, lhe confessa a própria paixão e sugere que se casem; ela convenceria o pai a aceitá-lo. Mas Sergipano se recusa, não trairia a sua classe casando com a filha do patrão.

Quando recebe mais uma carta de Colodino, referindo-se de novo à luta de classes, Sergipano resolve atender aos conselhos do amigo e parte para o Rio de Janeiro. Em nome da consciência de classe abandona a fazenda e abdica do amor por Mária: "Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão" (CAC, p. 169).

O romance mostra um processo de conscientização de classe, tanto de Sergipano quanto de Colodino, processo que se realizará de fato através da

experiência como operário na cidade, experiência externa ao processo de trabalho na fazenda e apenas entrevista no romance. O que parece indicar que, se ambos continuassem na fazenda, talvez nada aprendessem.

No último capítulo, Jorge Amado registra os locais visitados por ele, ao escrever *Cacau*: Pirangi, Aracaju e Rio de Janeiro e as respectivas datas da visita. Amado parece querer comprovar o trabalho de campo ao elaborar o romance que ele propõe às letras brasileiras como sendo “proletário”.

Considerações finais

Este trabalho se propôs contar a (possível) história da temática proletária na literatura brasileira, a partir do seu principal representante: Jorge Amado. Percebemos que o romance proletário, ao trazer a exaltação do operário, mesmo que brevemente, para uma discussão dentro das Letras, constituiu um aspecto importante, muito pouco estudado, da conscientização política do intelectual brasileiro na década de 30. O resgate, hoje, do romance proletário, tanto por esta ou outras razões - tais como o interesse atual da academia em estudar produções não canônicas - revela-se, portanto, justificável.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Martins, 1934.
- _____. *Homens e coisas do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- _____. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Poesia, Documento e História. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961, p. 168-179.
- LIMA, Jorge de. Nota sobre *Cacau*. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961. p. 66- 69.
- MENDES, Murilo. *Cacau*. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961. p. 71-72.
- RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.